



O LIVRO COMO RUÍNA

Rubens Venâncio¹

THE BOOK AS RUIN

EL LIBRO COMO RUINA

¹ Fotógrafo, pesquisador, doutor em Artes (UFMG) e professor do curso de Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri (URCA). Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/9344004074720141>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9607-9603>. E-mail: rubens.venancio@urca.br.

RESUMO

o presente artigo visual traz a experiência de publicação do livro “Iminências”, onde destaco seu processo de feitura ao elencar aspectos poéticos, materiais e conceituais, a relação com os contextos fotografados e a presença da definição de ruína. Encaminho as questões a partir da ideia de observar, instituir e criar rastros a partir da criação de publicações de artista.

Palavras-chave: Livro; Ruínas; Rastros.

ABSTRACT

This visual article presents the experience of publishing the book “Imminence” and focuses on its poetic, material, and conceptual aspects, as well as the relationship with the photographed contexts and the presence of the definition of ruin. The aim is to observe, establish, and create traces through the creation of artist publications.

Key words: Book; Ruins; Tracks.

RESUMEN

Este artículo visual trae la experiencia de publicación del libro “Inminencia”, donde destaco su proceso de producción enumerando sus aspectos poéticos, materiales y conceptuales, la relación con los contextos fotografiados y la presencia de la definición de ruina. Abordo los interrogantes desde la idea de observar, establecer y crear huellas a partir de la creación de publicaciones de artista.

Palabras clave: Libro; Restos; pistas

Com a experiência da publicação de “Iminências”², resolvi destacar seu processo de feitura considerando aspectos poéticos, materiais e conceituais, a relação com os contextos fotografados e a presença do conceito de ruína. Ao encaminhar as questões a partir de uma organização específica, no caso, de observar, instituir e criar rastros acredito trazer à tona elementos essenciais da trajetória do livro.

Observar os rastros. Pensado enquanto publicação de artista, “Iminências” foi elaborado entre 2018 e 2022 em um constante ir e vir de olhares e tatibilidades, minha e do editor Gustavo Reginato – como o mesmo afirmou, “Precisamos viver no tempo dos livros”. Durante esse tempo foram idealizadas e impressas três maquetes em que tive a oportunidade de passar meses – em algumas delas até mais de um ano – sentindo as possibilidades do livro em todos seus aspectos materiais, desde as folhas soltando, a brochura envergando, até à costura abrindo.

Sobre a publicação, ao estar envolvida e ao ocupar uma posição central em trabalhos acadêmicos, é importante salientar que o lastro temporal do livro se amplia para dez anos ao considerar o doutorado em Artes realizado entre 2013 e 2017³ e um pós-doutorado em Comunicação realizando entre 2022 e 2023⁴ – além de outros projetos de pesquisa e uma proposta de exposição para 2024. Assim, “Iminências” inicia como ensaio fotográfico em 2013, é lançado enquanto livro em 2022 e neste ano finalizei o pós-doutorado com reflexões conceituais sobre a publicação e as temáticas abordadas.

Que temas e contextos perpassaram o livro? Que perguntas estão envolvidas?

2 Publicação com tiragem de 55 exemplares, lançado em 2022 pela Editora Caseira. Miolo contendo 15 envelopes pretos em papel Color Plus Los Angeles 120g, em cada um impressões fotográficas com pigmentos minerais em papel opalina 240g e acetato. Capa e contracapa em papel color plus Los Angeles 120g impressas em serigrafia revestindo papelão cinza 2mm. Encadernação artesanal exposta tipo brochura. Costura 180°.

3 Título: “Superfícies imaginadas: fotografia, ruínas e iminências no sertão cearense” (UFMG).

4 Título: “A ruína como aridez da imagem: fotografia, sertões e publicações de artista” (UFC).

Instituir os rastros. Em três sertões do estado do Ceará realizei o citado ensaio fotográfico, no caso, uma proposta de criação visual que acompanhou situações de desaparecimento e resistência, sendo organizado em forma de coleções, assim nomeadas: “Desaparecimento”, fotografada na ex-cidade de Cococi, hoje distrito do município de Parambu, que conta com oito moradora/es e está localizada no sertão dos Inhamuns; “Desapropriação”, sobre o impacto causado pelas obras do Cinturão das Águas do Ceará na vida de vária/os moradora/es do distrito rural Baixio das Palmeiras, cidade de Crato, região do Cariri; e “Miragem”, coleção realizada em Jaguaribara, região do Jaguaribe, cidade que foi inundada pelas águas do açude Castanhão, cuja construção de uma barragem forçou o deslocamento de mais de dez mil pessoas para a cidade de Nova Jaguaribara.

Como o livro surgiu como inscrições da ruína? Como a ruína se expandiu da superfície da imagem, de contextos vividos, para o próprio livro? Que possibilidades gráficas possibilitaram uma existência material instável?

Essas três situações de desaparecimento, cada uma marcada por contextos políticos e sociais específicos, estão relacionadas: as ruínas dos locais, das edificações, dos contextos de vida violentados pelo poder público e econômico e do material fotográfico utilizado. As fotos foram feitas com filme Polaroid vencido grande formato (tipo 55), composto por um envelope fechado contendo uma imagem negativa e outra positiva.

Por estarem vencidos, o mal funcionamento dos químicos dentro do envelope somada à ação do tempo, deteriora a superfície da imagem ocasionando manchas e ranhuras, não sendo possível prever que locais serão danificados, qual o tamanho e mesmo se haverá alguma imagem quando o envelope for aberto.

Veio-me, então, primeiro a ideia do ensaio de jogar com as ruínas da superfície e as ruínas desses contextos ao tensioná-las, entrelaçá-las na superfície do Polaroid. E depois a ideia do livro, de torná-lo, em sua

concepção gráfica, também uma ruína, propondo imaginar a publicação como um *fac-símile* do Polaroid: o miolo tem quinze envelopes lacrados, em cada um uma imagem positiva e negativa da mesma fotografia, onde o/a leitor/a precisa rasgar o envelope para ter acesso; a visualidade das partes externas do livro remetem à frente e ao verso do filme Polaroid, que também foi tomado como referência para pensar as dimensões, tipos de papéis, fontes, cor. Por último, dentro de cada exemplar tem uma carta ficcional escrita por uma ex-moradora de Cococi, e em um dos envelopes dos primeiros 25 exemplares foram inseridas partes do filme Polaroid original.

A estética e materialidade do filme foram a principal inspiração para o projeto e as decisões gráficas. Busquei inspiração e traços para imaginar uma relação entre o Polaroid, a ruína e livro que remetesse a essa visualidade explorada e a experiência tátil que tive.

Criar rastros. Quanto mais eu incorporava as ruínas, mais revelava as reflexões dessa trajetória. Quanto mais eu incorporava fotograficamente e materialmente os vestígios, mais evidenciava os encontros com as pessoas e o que me atravessava como experiência.

O livro tem sua estrutura alterada no momento em que começa a ser visto. Para acessar as imagens, as pessoas precisam rasgar o envelope, um por um, seguindo o tempo da mão e o ritmo com que queriam ver. O tempo de cada interação delineia a visualização e altera a própria estrutura da publicação. Ao adquirirem o exemplar, algumas pessoas me relataram que preferiam abrir os envelopes ao longo do tempo, pois a sensação mais forte era a de não desgastar o livro de uma vez só – a ideia da permanência era perceptível.

Entre a minha proposta e a liberdade da leitura – o livro não tem uma sequência de imagens, não está paginado e nem há indicação de capa e contracapa, por qualquer lado pode ser iniciado –, a ruína se materializa mais uma vez, o/a leitor/a aumenta os rastros à medida que o uso segue arruinando não só os envelopes, mas a publicação por inteiro dado o

contato. O livro para existir precisa passar por apagamentos.

O limite entre apagar e aparecer é dado pela estrutura do livro: as gramaturas da capa e miolo, a costura 180° que favorece o manuseio, o tipo de cola usada para lacrar os envelopes. Após vários testes com as maquetes foi possível chegar a um ponto onde as folhas do envelope tanto não se rasgam facilmente, como não há grandes dificuldades para abrir. Chegar a essa medida foi importante porque rasgá-las totalmente seria ir ao extremo da tensão apagar/permanecer; situação semelhante à escolha do tipo de impressão das fotografias, interessava fazer as imagens durar e não sumir rapidamente tendo em vista que a função de apagamento foi desempenhada por outras estruturas da publicação.

A existência paradoxal do livro é reforçada pela relação com os lugares e pessoas fotografadas: mesmo em ruínas esses locais são habitados, os cotidianos são tecidos pela/os moradora/es, há resistência em meio a tanto desaparecimento. Nem a presença nem a ausência são totais. “Em um universo de eterna fugacidade, um rastro é uma chave de conhecimento. Ele está ambigualmente em ausência e presença” (GINZBURG, 2012, p. 112)

Assim, abrir o livro é fazer a memória trabalhar ao deixar a fotografia estabelecer uma referência para a lembrança, seja das pessoas ou do próprio livro. Conservar a publicação significaria gerar esquecimentos sobre as histórias não vistas, além do fato do livro não cumprir sua função. Pensando em certa dialética da ruína, ao fazer sumir mais rapidamente o/a leitor/a propicia aspectos de presença – livro, histórias, conceitos –, e ao conservá-lo geraria uma ausência do objeto.

O livro precisa ser “violado” não só para a imagem ser vista, mas para existir enquanto proposta de criação. Sua existência tátil prescinde do desgaste, sua existência conceitual prescinde do apagamento – ambas relacionadas. Se os livros de artista são concebidos tanto pelo desejo de permanência como por estratégias que violem sua página, ou seja, pelo gesto da ternura e da injúria (SILVEIRA, 2008), eles devem ser

objeto e expressão da subjetividade, do imaginário gráfico, assim como “Iminências” foi um lugar forjado para pensar ruínas, histórias de vida, sertões e livros de artista.



FIGURA 1.

sem título; fotografia analógica (polaroid grande formato); 9x11,5cm; 2018. Fonte: Rubens Venâncio, 2018.



FIGURA 2.

sem título; fotografia analógica (polaroid grande formato); 9x11,5cm; 2018. Fonte: Rubens Venâncio, 2018.



FIGURA 3.

sem título; fotografia analógica (polaroid grande formato); 9x11,5cm; 2013. Fonte: Rubens Venâncio, 2013.



FIGURA 4.

imagem do livro "Iminências"; 2022. Fonte: Rubens Venâncio, 2022.

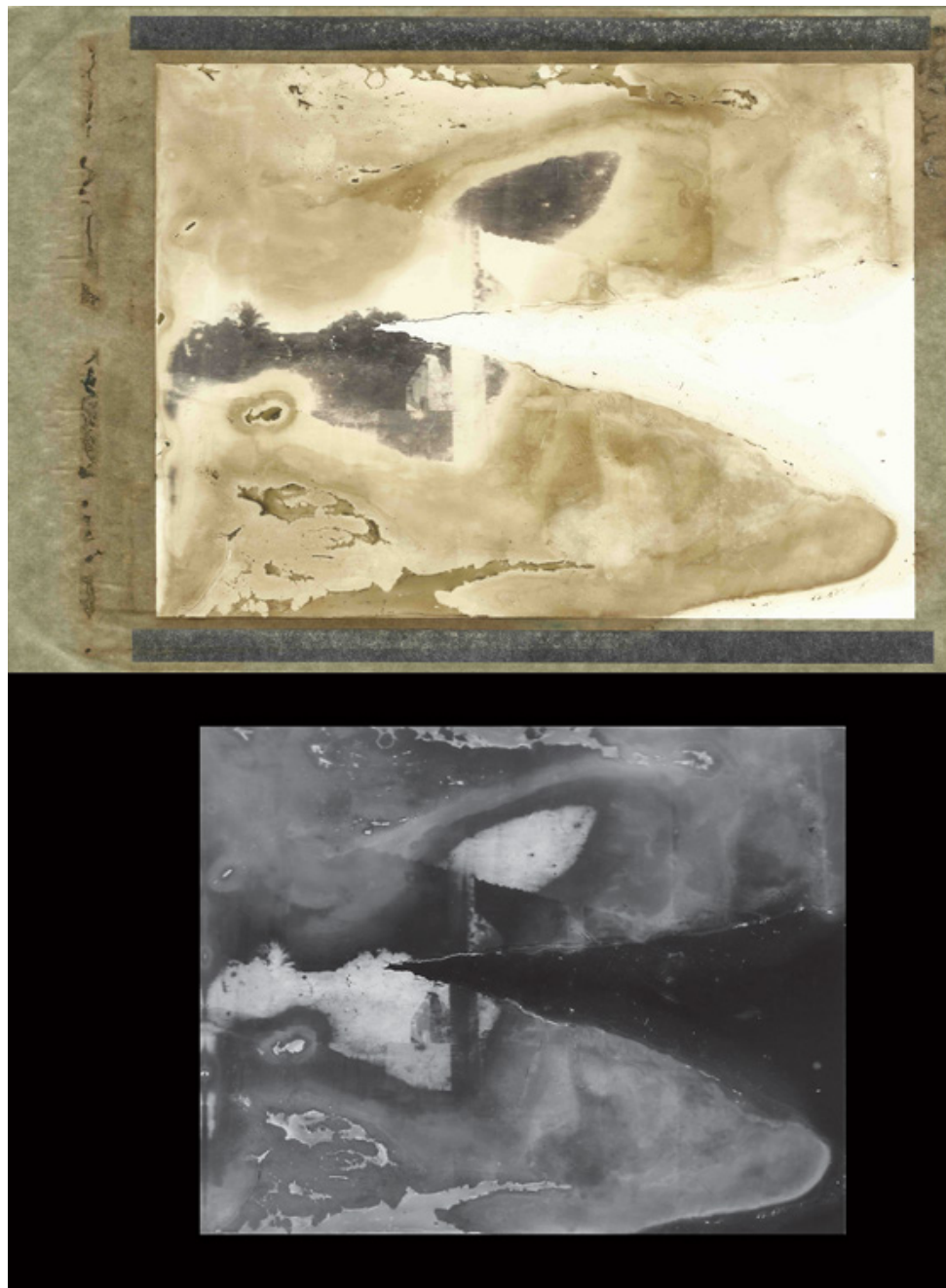


FIGURA 5.

sem título; fotografia analógica (polaroid grande formato), imagem positiva e negativa; 9x11,5cm cada uma; 2015.
Fonte: Rubens Venâncio, 2015.



FIGURA 6.

imagem do livro "Iminências; 2022. Fonte: Rubens Venâncio, 2022.

Uruá, 11/2022 7
 Querida Eneida,
 Escrevemos porque estamos lindeiros
 dos com os novos caminhos que se nos apre-
 sentam. Inseridas no universo da desconfiança
 e da auto-representação, saber que
 ainda nos vemos é mais que motivo de ale-
 gria. É o brutar da vida, ressequida, em
 bruto, pois como poeta ou Braulio Bessa, "quan-
 do o amor pedir um pouco de sua atenção,
 por favor, chova!". O que representa o "pingo
 de atenção" quando o reverberado fala de
 esquecimentos, urgências, aquilo que está
 prestes a acontecer... e amor agora? re-
 nós?... - iminências. Ah! não podemos de
 definições científicas... Submergimos no cam-
 po das definições para aportar no universo
 das reapassagens, no reino do além - além
 do dito, além do pensado, além da nossa própria
 capacidade de compreender e interpretar... além
 de nós mesmos. Há onde o ser habita - na
imagem. Voltemos para a vida, renasçamos
 na arte - no olhar inquieto, arquetípico, sensível...
 O que nos une, além do Reino do Além?
 Pediram-nos um pingote de amor, chovemos,
 transbordamos, oceanamos em ressequidos →

FIGURA 7.

imagem da primeira página da carta que acompanha o livro
 "Iminências"; 2022. Fonte: Eneida Feitosa, 2022.

Referências

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime. **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

Data de submissão: 30/06/2023

Data de aceite: 15/09/2023

Data de publicação: 11/10/2023